

**A Contribuição do  
Observatório da  
Imprensa como  
Instrumento de Crítica da  
Mídia no Brasil**

Press the Observatory's  
Contribution as a Critical Media  
Instrument in Brazil

Contribución de Prensa del  
Observatorio de como  
Instrumento de Medios Críticos  
en Brasil

**Manoel Pereira Rocha Neto<sup>1</sup>**

**Laís Karla da Silva Barreto<sup>2</sup>**

**Isabel Cristine Machado de Carvalho<sup>3</sup>**

**Gabriel Rodrigues Morais<sup>4, 5</sup>**

**RESUMO**

O presente artigo visa analisar a contribuição do Observatório da Imprensa, um dos principais instrumentos de Crítica da Mídia no Brasil. Observatório foi originalmente desenvolvido pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LabJor) da Universidade de Campinas (Unicamp/SP), fundado, em 1996, e organizado como uma

1 Possui Doutorado (2005) e Mestrado em Educação (2002) pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Graduação em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É pesquisador colaborador do Grupo de Pesquisa História da Educação, Literatura e Gênero do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRN. Professor da Universidade Potiguar (UnP), na área de Comunicação (Jornalismo, Design Gráfico e Publicidade e Propaganda) e professor do Mestrado Profissional de Administração da UnP. E-mail: [manupereira@unp.br](mailto:manupereira@unp.br).

2 Possui Doutorado e Mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Realizou Especialização em Práticas Pedagógicas no Ensino Superior na Universidade Potiguar e é graduada em Comunicação Social e Letras pela UFRN. Atualmente integra o quadro docente do Mestrado Profissional em Administração / Universidade Potiguar. É Editora da revista Connexio (vinculada ao MPA/UNP). E-mail: [laisbarreto@gmail.com](mailto:laisbarreto@gmail.com).

3 Possui graduação em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora dos Cursos de Comunicação Social da Escola de Comunicação e Artes - Universidade Potiguar. Tem experiência na área de Educação e Comunicação. Desenvolve, desde 2006, estudos e pesquisas sobre a história dos impressos norte-rio-grandense. E-mail: [isabelcristine@unp.br](mailto:isabelcristine@unp.br).

4 Graduado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela Universidade Potiguar. E-mail: [gmorais93@hotmail.com](mailto:gmorais93@hotmail.com).

<sup>5</sup> Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Potiguar. Curso de Comunicação. Av. Senador Salgado Filho, 1610 - Lagoa Nova, Natal - RN, Brasil. CEP: 59056-000.

entidade civil, não-governamental, não-corporativa e não-partidária. Para a realização desta pesquisa desenvolvemos uma pesquisa exploratória por meio de uma revisão da literatura sobre a crítica da mídia e a trajetória do Observatório, observando também o conteúdo do site. Podemos concluir que o Observatório é um fórum permanente, no qual os usuários da mídia - leitores, ouvintes, telespectadores e internautas- podem manifestar suas opiniões sobre a atuação da mídia no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crítica da Mídia, Imprensa, Jornalismo.

#### **ABSTRACT**

This article aims to analyze the contribution of the Press Centre, one of the main tools of media criticism in Brazil. Observatory was originally developed by the Laboratory for Advanced Journalism Studies (Labjor), University of Campinas (UNICAMP / SP), founded in 1996 and organized as a civil non-governmental non-corporate entity, and non-partisan. For this research we developed an exploratory research through a literature review on the media criticism and the history of the Observatory, also noting the contents of the site. We can conclude that the Centre is a permanent forum in which users of the media - readers, listeners, viewers and internautas- can express their opinions on the role of the media in Brazil.

**KEYWORDS:** Critical Media, Press, journalism.

#### **RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo analizar la contribución del Centro de Prensa, uno de los principales instrumentos de crítica de los medios en Brasil. Observatorio fue originalmente desarrollado por el Laboratorio de Estudios Avanzados en Periodismo (Labjor) de la Universidad de Campinas (Unicamp / SP), Fundada en 1996 y organizado como un civil no gubernamental, no corporativo y no partidista. Para esta investigación se desarrolló una investigación exploratoria a través de una revisión de la literatura sobre la crítica de los medios de comunicación y la trayectoria del Observatorio, observando también el contenido del sitio. Podemos concluir que el Centro es un foro permanente en el que los usuarios de los medios de comunicación - lectores, oyentes, espectadores y internautas- pueden expresar sus puntos de vista sobre el negocio de los medios de comunicación en Brasil.

**PALABRAS CLAVE:** Medios Crítico, Prensa, Periodismo.

Recebido em: 05.11.2015. Aprovado em: 01.12.2015. Publicado em: 26.12.2015.

## Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar a contribuição da Crítica da Mídia no Brasil como o exercício pleno de cidadania da sociedade, possibilitando a visibilidade do desempenho da imprensa brasileira e a formação de sentidos do público, este classificado como “receptor ou audiência” (WARD, 2006).

Nesse cenário trazemos à tona o Observatório da Imprensa e suas correlações com a Crítica da Mídia no Brasil, principal instrumento de Crítica da Mídia no Brasil. O movimento da crítica da Mídia (*Media Criticism*) surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960, com o objetivo de monitorar a produção jornalística dos impressos norte-americanos.

No Brasil, essa prática foi implantada pelo jornalista Alberto Dines como uma maneira de ativismo no que se refere à prática da observação do desempenho da mídia no Brasil.

Para realizar este estudo desenvolvemos uma pesquisa exploratória na literatura e no estado da arte sobre o tema, bem como a observação e monitoramento do conteúdo do site do Observatório da Imprensa, hoje, considerado por pesquisadores do Jornalismo como um dos mais relevantes instrumentos de crítica da mídia no Brasil.

A comunicação faz parte da relação histórica do homem com o seu espaço físico. Foi por meio da comunicação que nós interagimos com as outras pessoas com diálogos que transmitam a expressão do nosso pensamento. Por causa disso, a fala e a escrita e, conseqüentemente, a comunicação interpessoal, são talvez algumas das maiores conquistas do homem em sua evolução.

Da comunicação humana foi possível desenvolver áreas profissionais que trabalham com os signos comunicativos que influenciam o cotidiano da sociedade. Estamos falando da Comunicação Social e as suas diversas habilitações, dentre elas, as habilitações em Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Cinema e Relações Públicas. E dessas áreas, uma tem um destaque especial entre a população: O

jornalismo.

O Jornalismo é uma área que tem uma importante função para sociedade, porque trabalha diretamente com a informação. É através do jornalismo que a população toma conhecimento dos acontecimentos no Brasil e no mundo. Apurando os fatos, reunindo as informações e transmitindo-as, o jornalismo fixa o seu papel de importância na vida cotidiana das pessoas, contribuindo para a visibilidade das suas ações e da prática de criticar a mídia quando ela não corresponde às suas responsabilidades sociais.

### **Jornalismo e visibilidade como prática: o contexto histórico de transformações da crítica da mídia.**

Na perspectiva da prática jornalística como uma atividade de cunho social e alvo da Crítica da Mídia, atividade de caráter social e cultural na perspectiva da mídia como um instrumento de transformação social, é preciso também focar a relevância histórica e as transformações desse processo de atuação da imprensa na vida social.

Investigar a trajetória do Jornalismo, ao longo dos séculos, é conhecer as transformações sociais e as relações de interdependência (ELIAS, 1970), e as mudanças dessa atividade, que tem como objetivo prestar serviço à sociedade.

No tocante à história do Jornalismo ao longo da sua trajetória de contribuição para a sociedade, o autor Marcondes Filho (2000, p.48), em seu estudo intitulado 'Comunicação e Jornalismo, a saga dos cães perdidos', ao fazer uma classificação da História do jornalismo assinala as cinco etapas distintas do jornalismo: O jornalismo Pré-histórico (1631-1789), considerado artesanal; o Primeiro jornalismo (1789-1830), de teor político-literário; o Segundo jornalismo (1830-1900), denominado como imprensa de massa; o Terceiro jornalismo (1900-1960), assinalado como imprensa monopolista e, por fim, o Quarto jornalismo (1970-até os nossos dias), sendo este o

jornalismo de informação eletrônica e interativa, contribuindo para a compreensão do jornalismo colaborativo.

No entanto, a percepção de jornalismo atual, sobretudo no Ocidente, tem suas raízes arraigadas no processo de produção industrial, sobretudo do sistema capitalista e do modo de produção de bens, sobretudo da Europa:

O jornalismo como conhecemos hoje no mundo ocidental, tem suas origens intimamente ligadas ao desenvolvimento do capitalismo. Na segunda metade do século XV, as técnicas de impressão se espalharam rapidamente e imprensas foram estabelecidas nos principais centros comerciais europeus (PEREIRA JÚNIOR, 2005, p. 43).

Esse modelo de jornalismo que Pereira Júnior (2005) traz, por meio dos seus estudos, está relacionado com o desenvolvimento do modelo econômico, como também da ampliação do mercado consumidor e a presença da propaganda e as novas técnicas de impressão ou veiculação da notícia.

Ao longo do processo, houve o desenvolvimento das bases de produção em massa, abertura de mercados e valorização da propaganda *como traço ostensivo das ligações entre a imprensa e as demais formas de produção de mercadorias* (sic). O surto da educação e a melhoria dos padrões de vida das populações alargaram o público dos jornais e o número dos anunciantes, levando a sucessivos inventos para acelerar a impressão (AMARAL, 1996, p.27).

Nesse contexto, apropriamo-nos do conceito de configuração que Elias (1970) traz à baila para estabelecer os elos de interdependência entre sociedade e jornalismo numa perspectiva sociológica da relação entre sociedade e imprensa. Nesta linha de raciocínio, desejamos investigar a relevância e visibilidade de Crítica da Mídia como prática de ativismo social como instrumento para a contribuição da mídia na qualidade da vida social e transformar o cidadão em ator social interferindo na sociedade e defendendo a coletividade. (LIPPMAN, 2008).

O arcabouço dessa praticada de Crítica da Mídia no Brasil é Observatório da Imprensa, uma instituição não governamental (ONG), que tem como objetivo monitorar o desempenho da imprensa brasileira. O Observatório de Imprensa é

veiculado na mídia televisão, radiofônica e nas novas plataformas como a Internet. Diante desse cenário, trazemos à baila a discussão neste artigo da produção jornalística nas novas mídias, sobretudo nas mídias sociais.

O potencial da nova mídia tornou-se um instrumento essencial para o jornalismo contemporâneo e, por ser tão gigantesco, está começando a moldar produtos editoriais interativos com qualidades atraentes para o público: custo zero, grande abrangência de temas e personalização (FERRARI, 2012, p. 35).

Nesse contexto, enfatizamos também a presença do jornalismo atual nos novos suportes midiáticos e da amplitude de temas e rapidez da informação por meio dos conteúdos on-line, no que Ferrari (2012) denomina de Jornalismo Digital:

Os elementos que compõem o conteúdo on-line vão muito além dos tradicionalmente utilizados na cobertura impressa- textos, fotos, e gráficos. Pode-se adicionar sequência de vídeos, áudio e ilustrações animadas. Até mesmo o texto deixou de ser definitivo- um e-mail com comentários sobre determinada matéria pode trazer novas informações ou um novo ponto de vista, tornando-se, assim, parte da cobertura jornalística (FERRARI, 2012, p. 39).

Essas novas perspectivas estão presentes nas plataformas digitais e colabora para a participação do público na interação da informação e da notícia, permitindo o exercício direto da Crítica da Mídia, com o objetivo da construção da percepção do receptor (audiência). (PINHO, 2006).

As mídias sociais atualmente estão no arcabouço dessa configuração em que todos podem ser atores no processo da produção jornalística. Inicialmente, todo mundo chamava de novas mídias o que hoje conhecemos como mídias sociais. Elas vieram para ficar. De acordo com Telles (2010), em 2005, as mídias sociais eram enquadradas na categoria das novas mídias e as redes sociais eram chamadas de sites de relacionamento.

Várias pessoas confundem os termos redes sociais e mídias sociais, muitas vezes usando-os de forma indistinta. Eles não significam a mesma coisa. O primeiro é uma categoria do último. Sites de relacionamento ou redes sociais são ambientes cujo foco é reunir pessoas, os chamados membros, que, uma vez inscritos, podem expor seu perfil com dados como fotos

personais, textos, mensagens e vídeos, além de interagir com outros membros, criando listas de amigos e comunidades (TELLES, 2010, p. 18).

Desse modo, redes sociais são diferentes de mídias sociais, pois as redes são espaços de comunicação e interação entre os seus membros ou amigos escolhidos pelo usuário. Mídias Sociais quer dizer “permitir conversações”. Elas são sites na internet construídos para permitir interação social e o compartilhamento de informações em vários formatos: fotos, mensagens, ícones entre outros.

O estudo das redes sociais não são recentes. O estudo da sociedade, a partir do conceito de rede, representa um dos focos de mudança que a ciência investigou no percurso do século XX. Durante os séculos anteriores, muitos cientistas já haviam se preocupado em divulgar os fenômenos, estudando cada uma das suas partes minuciosamente, na busca de entender o todo.

A partir do século XX, começaram a despontar estudos diferentes que trouxeram o foco para o fenômeno como constituído das interações entre as partes, ou seja, o estudo dos casos particulares e não mais do todo.

Olhar para um ponto e não para o todo, entendido como sistema, como diz Recuero (2009), era a prática comum naquele período:

Estudar uma flor em um laboratório, por exemplo, permite que compreendamos várias coisas a seu respeito, mas não nos diz nada a respeito de como a flor interage com o ambiente e como o ambiente interage com ela. Daí a crítica à Teoria Geral do Sistema (RECUERO, 2009, p.17-18).

Essa visão das coisas mudou completamente no decorrer do tempo. Os estudos científicos foram evoluindo e outras perspectivas e visões de mundo foram ganhando espaço por meio de outros fenômenos sociais e tecnológicos. Tudo muda. A sociedade muda, a tecnologia avança e mudam os nossos hábitos e essas mudanças influenciam a nossa cultura, os nossos costumes.

O advento da internet foi um fator crucial para essas mudanças e transformações. A rede de computadores permitiu a interação, expressão e socialização por meio de ferramentas de comunicação mediadas por aparelhos como o microcomputador:

Essas ferramentas proporcionam, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros (RECUERO, 2009, p. 24).

Os rastros sociais assinalados no fragmento acima são interações entre atores, ou seja, entre as pessoas na internet. Essa interação possibilitada pela net permitiu o surgimento de estudos sobre a relação dialógica entre eles e sobre as conversações, dando um novo fôlego à perspectiva de estudo de redes sociais, a partir do início da década de 1990, ou seja, no final do século XX.

Essas transformações possibilitam a prática da Crítica da Mídia e a relevância da prática do jornalismo como uma atividade cada vez mais de responsabilidade social e novas narrativas transmídias (JENKINS, 2009).

Para exercer a prática jornalística é preciso consultar as fontes de informação, que correspondem a toda a sociedade e o que ela pensa e produz. Uma notícia só pode se considerada como tal se no relato dela estiver a comprovação do fato realizado pelas pessoas que participaram de alguma forma dele ou que presenciaram o acontecimento como observadores, ouvindo sempre as diversas versões para se chegar a uma unidade da informação.

O jornalismo é tratado como uma profissão de comunicação. Mas o termo comunicador é freqüentemente usado para definir toda a organização dos meios de comunicação. Quem quer que passe informação, opinião ou entretenimento aos receptores ou participe de alguma maneira em tal processo está compreendido nessa categoria – que inclui tanto o chofer dos veículos de uma organização radiotelefônica quanto o vendedor porta a porta ou mesmo o jornalista (KUNCZIK, 2002, p. 15).

Mas, nem tudo são flores no Jornalismo. Os jornalistas erram bastante no seu



dia-a-dia. Não checam informações corretamente, não consultam todas as fontes que devem consultar, criam matérias falsas para prejudicar ou beneficiar alguém e vivem sob as pressões das linhas editoriais dos veículos em que trabalham. Diante de tudo isso, faz-se cada vez mais necessário na sociedade realizar uma análise crítica da mídia. E um instrumento importante para isso é o Observatório da Imprensa. Este artigo busca comentar o quanto essa instituição se tornou importante para o povo brasileiro.

### **A crítica da mídia: um olhar sobre o jornalismo e a formação dos sentidos na sociedade**

Conforme o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007, Art. 3º), “O exercício da profissão do jornalista é de natureza social”, e o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, de forma que esse profissional deve pautar seu trabalho na precisa apuração dos acontecimentos e na sua correta divulgação. Sobre a função social do jornalismo, Schröder (2008, p. 17) diz:

Se eventualmente o jornalismo derruba presidentes corruptos, como aconteceu com Nixon nos Estados Unidos e Collor no Brasil, ou serve, às vezes, para as grandes denúncias que atingem estruturas fundamentais de um país, a verdadeira razão de sua existência é muito mais simples e prosaica, mas, ao mesmo tempo, mais essencial para a vida cotidiana das pessoas. Dar o tempo e a temperatura, o resultado dos jogos do domingo ou qual rua interditada pelas obras da prefeitura, relatar os acontecimentos não presenciados pela maioria, narrar uma história que emociona e informa pode ser tão ou mais importante do que a reportagem que muda o curso da história.

O Jornalismo opera as suas funções a partir da importância dos meios de comunicação de massa. Kunczik (2002) cita várias funções dos meios de comunicação na sociedade, cada uma com uma especificidade diferente. Kunczik (2002, p.73) diz:

Há muita ênfase, por exemplo, nas funções de expressão de opinião, na promoção, nos controles sobre a atividade política, na influência da publicidade sobre a economia, na criação da opinião pública orientada -em outras palavras, na comunicação entre os grupos que participam ativamente

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2015v1n3p201>

do processo sócio-político, as camarilhas de intrigas e os grupos de pressão, os partidos políticos etc. [...] Outros, ainda, atribuem aos meios de comunicação comerciais a função perpétua de entretenimento, e aos meios democrático e -quase sempre governamentais -funções principalmente.

O dever de investigar o jornalismo é algo fundamental na sociedade, pois ele tanto pode ser útil na divulgação de fatos importantes e acontecimentos simples do cotidiano das pessoas, como pode também denegrir alguém e manipular a informação (ABRAMO, 2003).

De acordo com Silva (2000), esses padrões de manipulações e as pautas sem compromissos sociais são classificados como as incertezas da imprensa e a miséria do jornalismo brasileiro. Sobre esse caráter, Bahia (2009, p. 218) afirma:

Os críticos que se ocupam com os problemas éticos e sociais se espantam com o amparo legal de certos exercícios morais da imprensa ou da sua capacidade dispersiva, desagregadora, disseminadora de costumes que negam valores tradicionais, um papel que se torna mais penetrante e perigoso quando estendido ao rádio e à televisão, disparado contra interesses políticos e econômicos conservadores.

Com o avanço dos meios de comunicação, foi necessário o desenvolvimento do debate e da discussão sobre como fazer comunicação em cada época. A crítica da mídia é o estudo e análise dos processos midiáticos, a partir de sua penetração no meio social. A forma, o conteúdo e os objetivos da mídia são os objetos de estudo da crítica da mídia. Segundo o professor de jornalismo Christofolletti (2011):

As transformações pelas quais vem passando o jornalismo, nas últimas duas décadas, têm estimulado não apenas revisarmos os processos aos quais estávamos habituados, mas também a refletirmos sobre a natureza do que se convencionou chamar de jornalismo e o papel que este desempenha nas sociedades contemporâneas, altamente complexas.

De acordo com Loures (2008), na crise da credibilidade que afeta o jornalismo, os interesses comerciais dos veículos estão sendo colocados acima dos interesses da sociedade, em que a imprensa enxerga os cidadãos apenas como consumidores. Para a autora, diante desse cenário, os jornalistas são vistos apenas como "técnicos da comunicação".

Assim, o que se vê nas redações é que a busca da informação verdadeira, a serviço do cidadão - que se constitui justificadora da atividade jornalística - foi instrumentalizada ou esquecida. A ética jornalística -fundada no lucro e nos interesses da elite - domina a realidade do dia-a-dia da redação( LOURES, 2008, p. 159)

Essa reflexão sobre o que é jornalismo, motiva repensar criticamente os efeitos da mensagem jornalística na sociedade. E criticar não é apenas julgar negativamente, mas fazer uma observação coerente, com um julgamento plausível. "A crítica- é importante reforçar - não significa a prática da demolição e da ofensa, nem do descrédito e do cinismo, muito menos o desprezo do trabalho alheio e a soberba ilimitada." (CRHISTOFOLETTI, 2011). Para este autor, a crítica é algo que inclui um processo mais amplo e que incorpora também a autocrítica e a revisão de posicionamentos.

O dever da crítica da mídia é orientar o leitor sobre os possíveis erros que a imprensa comete. A manipulação das informações e o erro na apuração é algo freqüente na mídia e é, portanto, extremamente necessário alertar a população para que ela tenha a consciência de que nem sempre o jornalismo é um reflexo do real. No Brasil, uma instituição de espaço aberto e de acesso livre venha realizando essa função: O Observatório da Imprensa.

### **A trajetória do observatório da imprensa como crítica da mídia**

Os observatórios midiáticos são relevantes instrumentos de crítica. Eles se configuram como um espaço aberto, em que as ações midiáticas específicas são monitoradas e debatidas por especialistas e pela população em geral. De acordo com Motta (2008, p. 20): "Os observatórios da imprensa fazem crítica da mídia, não de objetos estéticos. Por Natureza, esse tipo de crítica, mais ainda que a crítica estética, está histórica e eticamente situado". Há diversos observatórios de mídia no Brasil, cada um com seu perfil e linha editorial especializada. Essa variação torna o estudo da crítica da mídia muito mais amplo e diversificado.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2015v1n3p201>

Os Observatórios têm perfis diferentes, tendem predominantemente para a crítica dos critérios técnico-profissionais, embora muitos façam críticas politizadas. É difícil agrupá-los. A maioria faz monitoramento sistemático da mídia a partir de uma crítica ética e profissional (parcialidade, isenção etc.). Alguns funcionam como ouvidorias e *veedurias* públicas, e incluem critérios políticos, enquanto outros estão mais próximos do papel de *ombudsmen* técnico-profissionais (estilo, clareza, objetividade etc.) (MOTTA, 2008, p. 22).

No Brasil, há diversos observatórios de mídia, em que esses observatórios formam uma rede: a Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (RENOI). Criado em 2005, durante o Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), o RENOI tem o objetivo de debater as práticas da crítica da mídia no Brasil. De acordo com Rothberg (2011), o perfil dos observatórios que participam do RENOI é variado:

Alguns possuem profissionais experientes como colaboradores e contam com recursos significativos. Outros contam com estudantes de graduação e pós-graduação e pesquisadores em comunicação como autores de críticas e análises de mídia, e possuem infra-estrutura ainda em desenvolvimento. Outros ainda combinam as duas características. Todos os nós se beneficiam do avanço das tecnologias de informação e comunicação e utilizam a internet para veicular sua produção. Alguns também produzem programas de rádio e televisão, veiculados em mídias universitárias, e materiais impressos especiais, como guias de educação para mídia.

Participam do RENOI os observatórios: Canal da Imprensa, Mídia e Política (UnB), Agência Unama, Monitor de Mídia, Observatório de Ética Jornalística, dentre outros. Também faz parte do RENOI o Observatório da Imprensa, objeto deste estudo.

O Observatório da Imprensa é o mais famoso instrumento de crítica da mídia no Brasil, sendo também conhecido pela sigla "OI". De acordo com Egypto e Malin (2008), o observatório nasceu da idéia de três pessoas: o jornalista Alberto Dines, o professor Carlos Vogt e o jornalista José Marques de Melo. o Observatório da Imprensa é categorizado como um veículo jornalístico que tem como pauta a análise crítica da mídia. O OI é um projeto que foi originalmente desenvolvido pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LabJor) da Universidade de

Campinas (Unicamp), no Estado de São Paulo.

Organizado como uma entidade civil, não-governamental, não-corporativa e não-partidária, o Observatório da Imprensa é um fórum permanente, no qual os usuários da mídia - leitores, ouvintes, telespectadores e internautas - podem manifestar suas opiniões sobre a atuação da mídia no Brasil e no mundo.

Motta (2008) assevera que esse fator de independência dos observatórios é fundamental em suas atuações e manutenções da ética:

O aparecimento do grande número de observatórios de imprensa ou de mídia nos últimos anos não é um fato isolado da conjuntura política brasileira. Praticamente todos têm independência em relação aos poderes constituídos, em relação aos interesses político-partidários e aos interesses econômicos da indústria cultural e informativa do país. Isso garante uma crítica autônoma e posiciona os observatórios como novos atores políticos nas relações entre a sociedade e a sua mídia (MOTTA, 2008, p. 22).

Segundo Egypto e Malin (2008), uma das primeiras ações do LabJor foi a realização de um seminário, em 1994, chamado "A Imprensa em Questão" para debater os rumos do jornalismo brasileiro. Como o aumento da diversidade de assuntos sobre o tema, o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo decidiu levar, de alguma forma, as questões discutidas neste seminário.

Num primeiro momento, trabalhou-se com a alternativa de produzir uma revista, mas os custos decorrentes da ideia inviabilizaram a proposta. A solução foi encontrada numa nova plataforma – a internet – que à época iniciava a sua operação comercial no Brasil (EGYPTO; MALIN, 2008, p.178).

Desse modo, surge na internet o ambiente virtual do Observatório da Imprensa, constituindo-se em uma das principais referências eletrônicas sobre a crítica da mídia no Brasil.

### **A visibilidade do observatório da imprensa para a crítica da mídia**

O Observatório da Imprensa está classificado como um instrumento de análise da mídia, ou seja, a sua importância está associada ao fato de que ele busca debater

os acontecimentos midiáticos a partir da crítica da mídia. O Observatório da Imprensa cumpre um papel de vigilância midiática, que é algo que todo cidadão comum deve fazer. Segundo Motta (2008, p.21), os observatórios atuam como

um movimento que está condicionado pelas ações do adversário, mais que pelas próprias iniciativas. Uma defesa contra os abusos, equívocos, baixarias, acusações injustas ou exageradas, julgamentos públicos antecipados e outros destinos éticos praticados com frequência pela indústria cultural.

Para a manutenção desses observatórios, é imprescindível a participação da população insatisfeita com a mídia e que não aceita a mensagem jornalística da forma que é divulgada pelos veículos. Para Motta, esses agentes sociais são:

Jornalistas inconformados, ativistas políticos, professores, estudantes, movimentos sociais e grupos isolados saem da passividade de receptores ou do conformismo da profissão para influir nos conteúdos. Exigir mais pluralismo e isenção, demonstrar à indústria cultural e informativa a necessidade de refletir adequadamente os interesses de todos os atores da jovem democracia (MOTTA, 2008. p.23)

Alguns autores dizem que o Observatório da Imprensa não age como um observador neutro e que toma parte das discussões a decisão da população. Segundo Albuquerque, Ladeira e Silva (2002, p. 167):

Alberto Dines e seus principais colaboradores não são, obviamente, jornalistas "universais" e não têm procuração para falar em nome da classe como um todo. Os seus discursos são permeados por conceitos e preconceitos que refletem as suas trajetórias particulares dentro do jornalismo (ou em referência a ele).

Para esses autores, o Observatório da Imprensa é entendido como uma arena de debates, na qual os jornalistas disputam entre si e com os outros agentes sociais quem tem a razão em uma discussão temática. Para eles:

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2015v1n3p201>

O que está em jogo é a delimitação das fronteiras da autoridade interpretativa dos jornalistas (Zelizer, 1992), tanto externas (em relação a outros agentes sociais) quanto internas (divisão de competências entre jornalistas de diversos tipos - de rádio, de televisão, de meios impressos; jovens e experientes; repórteres e editores, etc.). (ALBUQUERQUE; LADEIRA; SILVA, 2002, p. 167).

Albuquerque, Ladeira e Silva (2002) também dizem que não há uma democracia no tocante a organização das seções que não classifica todos os agentes sociais de uma forma igualitária, diferenciando tanto qualitativamente, quanto de uma forma quantitativa.

De fato, o Observatório atua como um agente participante da análise crítica, que emite as suas opiniões para um fato em discussão. Mas nenhum veículo pode atuar como observador neutro, pois a objetividade jornalística algo é quase impossível. O observatório pode emitir as suas opiniões sim, através dos editoriais, pois quase todos os veículos fazem isso.

A importância do observatório está é na diversidade de suas seções e na discussão presente nelas. A seção 'Circo da notícia', comandada por Alberto Dines, tem como objetivo o estudo dos parâmetros que definem a conduta adequada dos jornalistas, das organizações jornalísticas e dos assuntos relacionados ao papel da imprensa na sua responsabilidade política. O 'Circo da Notícia' buscar debater aspectos que transitam pelos padrões éticos da profissão de jornalista e a formas de como a informação está divulgada nos diferentes meios, bem como a conduta dos veículos de comunicação.

Destacamos também a seção intitulada 'Imprensa em Questão' que, sua vez, também busca discutir temas mais relativos à ética jornalística, porém é mais plural com artigos de colaboradores, além de textos citados que foram publicados em outros veículos.

O 'Jornal de Debates' é a seção onde as debates são feitos. É o local onde a grande parte dos agentes sociais – que colaboram com o observatório – atuam na discussão em temas variados. Os textos nela publicados também trazem novos

olhares sobre os outros das demais seções, com debates que perpetuam durante as outras edições semanais com réplicas e trélicas. Jornalistas, profissionais do meio acadêmico e usuários da mídia expõem as suas idéias nessa seção. No 'Caderno de cidadania', o observatório busca se aproximar do seu papel político enquanto agente da cidadania, com a colaboração de ONGs, como a Repórteres Sem Fronteiras, entre outras organizações não-governamentais ou de caráter ativista em defesa da cidadania e dos direitos humanos.

### **Considerações finais**

O presente estudo possibilitou, por meio de pesquisa exploratória e da análise do conteúdo jornalístico do sítio do Observatório da Imprensa, compreender e estabelecer a interfaces entre imprensa e sociedade.

O Observatório da Imprensa é considerado, atualmente, como o principal instrumento de Crítica da Mídia no Brasil, prática esta já efetivada nos Estados Unidos por meio de grandes jornais em circulação desde os anos de 1960.

Desse modo, essa prática ativista e em defesa da qualidade da produção jornalística veio à tona no Brasil quando o jornalista brasileiro Alberto Dines, que atuava na imprensa norte-americana, trouxe o modelo para os jornais brasileiro, entre eles o Jornal do Brasil e outros periódicos.

A Crítica da Mídia é uma prática de monitoramento do desempenho da imprensa no Brasil, em parceria com a sociedade e instituições ativistas em defesa do direito à informação e da preservação da liberdade de expressão e pela qualidade dos conteúdos jornalísticos da imprensa Brasileira. Portanto, a Crítica da Mídia é um exercício de cidadania plena e visa valorizar o jornalismo com relação à ética e aos seus preceitos básicos como abordar os dois lados do fato e fazer uma reflexão sobre a importância de uma imprensa livre.



No Brasil, o principal instrumento de Crítica da Mídia é o Observatório da Imprensa, uma organização não governamental constituída por profissionais da comunicação, Jornalistas e estudiosos, com a contribuição de entidades de pesquisa e universidades.

Investigar e abordar a importância do Observatório da Imprensa, principal instrumento de crítica da mídia, neste artigo, fez-nos perceber a sua relevante contribuição para a crítica da mídia no Brasil ao longo de décadas, como também a contribuição para o amadurecimento, o debate e a qualidade da imprensa no Brasil, sobretudo, no que tange à ética e responsabilidade da prática jornalísticas diante do processo de mercantilização da notícia como um produto para ser apenas consumido.

O Observatório da Imprensa está disponível em várias plataformas como Internet e também na televisão aberta brasileira. Nesses espaços midiáticos o Observatório traz à tona o foco das discussões sobre o papel da imprensa, os preceitos do jornalismo, como também seu papel ético e os processos de deontologia do jornalismo, as rotinas jornalísticas e as influências da notícia por diversos segmentos da sociedade brasileira como a Política, a Economia e a religião.

Diante desses fatos, está evidente que a importância do Observatório da Imprensa é abrir o espaço, que os veículos de comunicação de massa tradicionais não oferecem, para a discussão midiática contemporâneas, dos fatos factuais, para o debate dos erros da imprensa brasileira enfocando os danos que a falta da apuração e verificação podem causar na sociedade e na própria credibilidade da imprensa enquanto poder estabelecido em defesa do cidadão. Destacamos também a contribuição do Observatório da imprensa como canal para novos estudos das novas abordagens comunicacionais e também o debate para a consolidação das novas tecnologias no universo atual.

Desse modo, podemos inferir que o Observatório da Imprensa deixou de ser apenas um veículo de informação com o conteúdo jornalístico, para exercitar a

prática ativista de cidadania e do monitoramento do desempenho dos principais jornais brasileiro, como também é um espaço ou uma arena de debates e discussões de interesses da sociedade brasileira.

O papel do Observatório é ser um guardião da liberdade de expressão e da liberdade de imprensa no Brasil, colaborando para a livre circulação de idéias e pensamentos, com o objetivo de atender à coletividade e preservar os preceitos e as responsabilidades das práticas e do fazer jornalismo no Brasil, é exercer a observação com o olhar da sociedade civil organizada.

## Referências

AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra, 1996.

ALBUQUERQUE, Afonso de; LADEIRA, João Damasceno Martins; SILVA, Marco Antonio Roxo da. Media criticism no Brasil: o Observatório da Imprensa. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 25, n. 2, p.166-189, Julho/Dezembro 2002. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/427/396>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

BAHIA, Juarez. **História da Imprensa Brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. CHRISTOFOLETTI, Rogério. Como fica a crítica de mídia com as novas mídias. **Observatório da imprensa**. São Paulo, ano 14, n. 671, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>. Acesso em 16 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. **Como fica a crítica de mídia com as novas mídias?** Disponível em: <http://www.midiaepolitica.unb.br>. Acesso em: 11 set 2014.

DINES, Alberto;VOGT,Carlos; MELO, José Marques.(Orgs.). **A imprensa em questão**. Campinas,SP:Editora Unicamp, 1997.

EGYPTO, Luiz; MALIN, Mauro. Um Observatório, mais observatórios. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.). **Observatórios de mídia: olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus, 2008.

FALLOWS, James. **Detonando a notícia: como a mídia corrói a democracia americana**. Tradução Fausto Wolff. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2012. (coleção comunicação).

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

INSTITUTO PARA O DESENVOLVIMENTO DO JORNALISMO (PROJOR). Disponível em: < <http://projor.org.br/projor/> > .Acesso em: 28 ago. 2014.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOURES, Ângela da Costa Cruz. Pequena História da Crítica da Mídia no Brasil. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.). **Observatórios de mídia: olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus, 2008.

WARD, Mike. **Jornalismo online**. Tradução Tatiana Gerasimczuk Castellani. São Paulo: Roca, 2006.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Crítica da Mídia: da resistência civil ao desenvolvimento humano**. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.). **Observatórios de mídia: olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus, 2008.

FENAJ (Ed.). **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Vitória, 2007. Disponível em: <[http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf)>. Acesso em: 23 abr. 2014.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul**. 2. ed. São Paulo: edusp, 2002.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Disponível em: < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br> > . Acesso em: 28 ago. 2014.

PEREIRA JÚNIOR, Alfredo E. Vizeu. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. 4 ed. Porto Alegre:EDIPUCRS, 2005.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Da Responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o Jornalismo como profissão**. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf> > . Acesso em: 10 set 2014.

PINHO, J.B. **Jornalismo na Internet: planejamento e produção da informação on-line.** 2 ed. São Paulo: Summus, 2003.(Coleção novas buscas em comunicação).

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet.** Porto Alegre: sulina, 2009.

\_\_\_\_\_. **A conversação em rede:** comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SCHRÖDER, Celso. O Jornalismo como uma missão possível. In: FENAJ. **Formação superior em Jornalismo:** uma exigência que interessa a sociedade. Florianópolis: FENAJ, 2008.

ROTHBERG, Danilo. Entrevista ao portal **ANDI.** Disponível em:< <http://www.andi.org.br/politicas-de-comunicacao/entrevista/entrevista-a-critica-estimula-a-existencia-de-um-ecossistema-mid> >. Acesso em: 28 ago. 2014.

ROSA, João Luiz. **Recomeçar do zero é desafio para jornais.** Disponível em: <[observatoriodaimprensa.com.br/news/view/\\_ed786\\_recomecar\\_do\\_zero\\_e\\_desafio\\_para\\_jornais](http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed786_recomecar_do_zero_e_desafio_para_jornais)> Acesso em: 21 fev. 2014.

SILVA, Juremir Machado da. **A miséria do Jornalismo brasileiro:** as (in) certezas da mídia. Petrópolis: Vozes, 2000.

TELLES, André. **A revolução das mídias sociais:** cases, conceitos, dicas e ferramentas. São Paulo:M. Books, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **O poder do Jornalismo:** análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo.** Florianópolis: insular, 2 ed., v.1, 2005.

Acesse esse e outros artigos da **Revista Observatório** em:

